

Ensino Fundamental de nove anos

Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) é testado na Ceilândia

Curioso e inventivo, o menino sonhava com plantações diferentes. Em vez do tradicional pé de mandioca, por que não um pé de pipoca? No lugar do pé de mamão, o que lhe impede de criar um de balão? Para o pai, cairia bem um pé de cerveja. A mãe, por sua vez, ficaria encantada com um de batom. Cor de cereja.

Na literatura, o personagem com tais fantasias é criação de Wilson Pereira. Integra o livro *Pé de Poesia*, recheado de ilustrações de Marilda Castanha. Para os alunos da Escola Classe 7 de Ceilândia, porém, os sonhos se transformam em encenação, diversão e, principalmente, aprendizado.

Flávia, Elen, Júlia, Laiane, Caio, Gabriel, Lucas. Entre conversas e brincadeiras, criam seus pés preferidos. Acompanham a professora Meire Vieira em cada passo. Conhecem letras. Estudam os sons. Montam palavras. As primeiras de um vocabulário ainda tímido, típico de criança na faixa dos seis anos.

Embora o trabalho de alfabetização, pela legislação oficial, precise começar apenas aos sete, em Ceilândia a história é outra. Por lá, a expressão BIA é cheia de significado. A sigla sintetiza os dizeres Bloco Inicial de Alfabetização. O efeito, contudo, é o Ensino Fundamental ter nove anos, em vez dos oito tradicionais. Nos três primeiros, é tratado em bloco, ou etapas. Concluído o processo, o aluno ingressa no que seria a terceira série do Ensino Fundamental.

"Quanto mais cedo a criança começa, mais pode gostar. E a metodologia do bloco permite continuidade. Principalmente se a escola foge do tradicionalismo. Se conecta aprendizado a brincadeira. Se traz o lúdico para a sala de aula", argumenta Maria de Fátima Tavares, diretora da escola. Aos 45



Desenvolvido com alunos da Ceilândia, o Projeto BIA deverá ser expandido a todo o DF em breve

anos, 20 deles como funcionária da Secretaria de Educação, a pedagoga formada pela UnB não nega o orgulho de se sentir na vanguarda.

"A alfabetização antes da primeira série já era comum no ensino privado. Agora estamos trazendo para a rede governamental. É uma garantia de que nossos alunos poderão concorrer de igual para igual no futuro", considera.

Elos essenciais, os professores também experimentam mudanças. "Todos fazem cursos, oficinas e aprendem a lidar com jogos, sucatas e construção do conhecimento com essa ferramenta", detalha Fátima,

que gerencia 700 alunos nos turnos da manhã e tarde em seu estabelecimento.

RESULTADOS – A consequência é visível numa rápida caminhada pelo colégio. No pátio, numa sexta-feira, 30 alunos da segunda etapa do BIA testam o potencial de peões recém-fabricados com ajuda da professora Sílvia Canabrava. O material? Hastes de pirulitos que os "engenheiros", num primeiro instante, degustaram em sala. Para dar peso e jeito de peão, as hastes são adornadas com tampas de garrafas descartáveis furadas no centro.

"Cada brinquedo desse tipo, para nós, é um instrumento pedagógico. Seja para formar palavras, frases ou pequenos textos, dependendo da etapa em que o aluno está", explica Sílvia, de 45 anos, 27 deles dedicados à docência.

Por enquanto exclusividade de Ceilândia, o Ensino Fundamental com nove anos está na agenda de prioridades da Secretaria para os próximos anos. E, se depender dos alunos da professora Meire, a oportunidade está aprovada. Principalmente, dizem alguns deles, se puderem fantasiar pés de chocolate, bolo, suco e sorvete nos fundos da escola.